DESBRAVE AS TERRAS DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO E CONHECERÁ A NOVA LITERATURA INFANTIL: MONTEIRO LOBATO CRIA EMÍLIA

ELIANA DOURADO DE SANTANA SILVA

RESUMO
Busca-se nessa pesquisa uma reflexão sobre a relevância da Literatura Infantil e seu precursor Monteiro Lobato para o desenvolvimento da criança. As crianças leem as mesmas coisas que os adultos, só que os temas surgem numa roupa confeccionada através da história e há um respeito as etapas de desenvolvimento da criança. Com o surgimento de Monteiro Lobato na cena literária para crianças e sua proposta inovadora, a criança passa a ter voz: a contestação e a irreverência infantis sem barreiras começam a ter espaço e a ser lidas. O criador da Emília lança mão de aspectos nunca vistos na literatura infantil: apelo a teorias evolucionistas para explicar o destino da sociedade; onipresença da realidade brasileira; olhar empresarial; preocupação com problemas sociais; soluções idealistas e liberais para os problemas sociais; tentativa de despertar no leitor uma flexibilidade em face do modo habitual de ver o mundo; relativismo de valores; questionamento do etnocentrismo e a religião como resultado da miséria e da ignorância. A presente pesquisa apresenta alguns autores como Fanny Abramovich, José Nicolau Gregorin Filho, Leonardo Arroyo, Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho e Regina Zilberman. O trabalho estrutura-se em pesquisa bibliográfica em livros. Conclui-se que a Literatura favorece o desenvolvimento cognitivo facilitando a construção de conhecimentos, ou seja, a aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil; Monteiro Lobato; Sitío do Pica Pau Amarelo.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como finalidade abordar as características da Literatura Infantil e do seu precursor Monteiro Lobato pontuando as suas contribuições para o desenvolvimento da criança e da sociedade.

A monografia está estruturada da seguinte forma:

1º Literatura infantil.

2º Monteiro Lobato.

A importância do tema reside na valorização da literatura infantil, como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis, refletindo dentro da vida cultural das sociedades com suas relações, necessidades, questionamentos e padrões estéticos.

Advém-se do exposto acima também a relevância social da pesquisa, pois por meio da literatura – infantil ou não – há o despertar da consciência crítica, criatividade, observação e reflexão etc., ou seja, o leitor descobre o seu valor e papel na sociedade, portanto o seu valor como cidadão atuante.

Os temas abordados na literatura infantil na atualidade dizem respeito à nossa sociedade e ao nosso tempo. A literatura para crianças, hoje, guarda características primordiais da arte, ou seja, olhar a sociedade e devolver a ela uma matéria passível de discussão e mudança. Assim, as crianças continuam entrando em contato com os mesmos discursos que os adultos, como acontecia anteriormente ao surgimento da pedagogia e à criação do universo infantil, só que com uma grande diferença. É que hoje há um conhecimento mais amplo das etapas de desenvolvimento da criança e um respeito às competências que cada uma dessas etapas comporta.

A literatura infantil contemporânea tem como intenção estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, onde ele deve atuar, quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso.

Monteiro Lobato fora o percursor de uma nova literatura destinada às crianças no Brasil. Ele possuía o dom de comunicar-se com a criança e conquistá-la. Sua personalidade versátil mergulha no mundo poético da criança, identificando-se com ela. E ele não era um pedagogo, um professor, vivendo a psicologia da infância, o que justifica a des-

preocupação dessa problemática no autor, mas a que se deve também muito de seu êxito. Pode isso parecer paradoxal; porém, na verdade com tal despreocupação sua obra adquiriu uma dimensão nova, ganhou em liberdade, apresentou-se totalmente descontraída, aproximando-se, por isso mesmo, muito mais dessas criaturinhas encantadoramente informais e alheias a toda espécie de convencionalismo.

Monteiro Lobato apresenta características nunca exploradas no universo literário para crianças: apelo a teorias evolucionistas para explicar o destino da sociedade; onipresença da realidade brasileira; olhar empresarial; preocupação com problemas sociais; soluções idealistas e liberais para os problemas sociais; tentativa de despertar no leitor uma flexibilidade em face do modo habitual de ver o mundo. Relativismo de valores; questionamento do etnocentrismo e a religião como resultado da miséria e da ignorância.

A pesquisa baseada em referências bibliográficas foi relevante para ampliar o conhecimento sobre o quanto a literatura infantil é importante na construção de conhecimentos na educação infantil e ensino fundamental I.

LITERATURA INFANTIL

Em "Literatura Infantil", o adjetivo "infantil" indica o público virtual de certo tipo de texto literário construído na atualidade por uma linguagem hibrida, formada em grande parte pela adição de texto verbal com textos visuais.

As crianças, portanto, continuam lendo as mesmas coisas que os adultos, como acontecia anteriormente ao surgimento da pedagogia e à criação do universo infantil, só que agora os temas surgem numa roupa confeccionada através da história, roupa essa que às vezes nos ilude e mascara os valores criados pela sociedade, valores que são a própria construção histórica dos homens.

Partindo desse pressuposto, analisar literatura infantil é analisar uma obra de arte, e, sendo assim, o estudioso ou professor precisa estar ciente de que está diante de um processo de comunicação historicamente construído em que um destinador (adulto) se dirige a um destinatário (criança) com o intuito de expressar, por meio de sua "lente" única de destinador, a "leitura" que faz da sociedade e/ou do mundo.

Aliadas, a educação e a comunicação costumam veicular a voz do saber "adulto" dirigida a um receptor "infantil", contendo os modelos a serem assimilados segundo uma ótica de dominação, o que historicamente traduz o vício de origem da literatura infantil como instrumento pedagógico moralizador.

Acontece que, sendo arte, a literatura, infantil ou não-infantil, se quer justamente ao extremo oposto, como cultura e expressão. Cultura porque nasce de uma transformação da "natura"; porque, ainda que elaborada coletivamente, rompe com o consenso; porque, sendo manifestação do sentir e do saber, permite o fazer como invenção, renovação e crítica. Mais ainda, sendo arte, é o lugar da expressão, movimento de dentro para fora, da multiplicidade dos sentidos, do rompimento com a norma, da "licença poética".

A história da literatura infantil no Brasil passa nos últimos trinta e cinco anos por uma renovação reclamada por Monteiro Lobato já na década de 20. Vivendo o dilema de "falar para" tentando escapar do discurso autoritário ou doutrinário, a literatura infantil descobre sua renovação textual na própria linguagem, tanto na forma quanto na temática.

O texto literário infantil, por um lado, partiu para uma revisão do mundo na perspectiva da infância, para uma pesquisa de estrutura de linguagem e imagens próprias da criança. Por outro, ocorre uma renovação do recurso tradicional da fantasia, pelo jogo da intertextualidade, pela paródia, pela investigação de estados existenciais infantis e pelo realismo que aparece quebrando tabus e preconceitos, lidando com os problemas cotidianos que não poupam a infância.

Enquanto o ensino alimenta uma proposta fragmentada, desarticulada e distante da realidade do aluno – prepara para o amanhã – a literatura pode oferecer elementos para a compreensão do real hoje. Através das narrativas, as relações são observadas de fora pelo leitor e comparadas à sua própria experiência; como uma forma de acesso ao real, o simbólico ordena e nomeia experiências,

através da linguagem que organiza o mundo.
Procurando expressar o espaço vazio de suas vivências e tentando obter recursos que lhe permitam a decodificação do mundo, o leitor infantil pode alcançar, na leitura, compensação para a marginalização que vive na realidade empírica. É desse modo que, "vivendo o texto", ele pode passar da condição de mero destinatário do discurso adulto a sujeito de sua própria história, realizando assim a meta que paradoxalmente a educação se propõe e inviabiliza.
A escola, ao afastar a criança do brinquedo para introduzi-la na seriedade do mundo (lições e deveres), despreza a linguagem do jogo e do prazer com que até então ela procura figurar o mundo. E justamente aí se encontra o princípio da linguagem poética, nos jogos dos sons, dos sentidos, das imagens. Retomando-a, a escola pode reencontrar o caminho da invenção, da criatividade que propicie a assunção do que procura, isto é, o aparecimento do aluno como sujeito do seu processo de formação, capaz de se expressar, de dominar a linguagem e, através dela, o conhecimento do mundo.
A literatura infantil contemporânea, expressão das mudanças em curso e que, longe de pretender a exemplaridade ou a transmissão de valores já definidos ou sistematizados, busca estimular a criatividade, a descoberta ou conquista dos novos valores em gestação.
Enfim, o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, onde ele deve atuar, quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso.
E, à medida que procura resgatar a nossa identidade cultural, a literatura para crianças tenta refletir sobre o literário, o infantil e o brasileiro, como forma de reconhecimento e emancipação. Nesse sentido, o reconhecimento do real assume um papel fundamental na recuperação ou composição da identidade.

A CRIANÇA LEITORA
O relacionamento da criança com o livro se faz por meio de uma adesão afetiva, resultado de uma identificação. Nesta medida, uma abordagem da literatura infantil não pode obscurecer o reconhecimento do papel que o leitor desempenha neste processo, o que significa considerá-lo não apenas um recebedor passivo de mensagens e ensinamentos, mas sobretudo um indivíduo ativo, que aceita ou rechaça o texto, na medida em que o percebe vinculado ou não a seu mundo.
Cabe ao professor levar as crianças a ampliarem e educar seus olhares para a literatura e para a arte, a se transformar em leitores plurais e, consequentemente, em cidadãos mais preparados para a vida em sociedade.
Na última LDB, com a criação dos PCNs houve a inserção dos chamados Temas Transversais, que devem ser inseridos nas discussões em sala de aula, sendo importantes para a discussão de questões que fazem parte da formação étnica e social do povo brasileiro.
Após a inserção desses temas, houve uma larga produção de textos literários para crianças, nos quais assuntos como ética, pluralidade cultural e diversidade são abordados de maneira a trazer para a criança e para os jovens a discussão de assuntos pertinentes ao momento social, político e cultural nos nossos dias.
Neste início de século XXI, pode-se encontrar uma grande variedade de "infâncias" coexistindo nas mais diversas sociedades, desde aquelas que ainda não conhecem as transformações sofridas pela escola e seguem trabalhando como adultos, até aquelas que vivem imersas num mundo puramente tecnológico, também afastadas das atividades lúdicas tão necessárias ao desenvolvimento do ser humano.
Com base nisso, notam-se as dificuldades dos professores no trabalho diário com tamanha diversidade econômica, social e cultural, pois toda essa pluralidade é responsável por diferentes concepções do universo infantil.
Tem-se, desse modo, diferentes crianças em múltiplas realidades numa mesma sociedade e, assim, a escola se torna um espaço de convergência de todas essas realidades, ne-

cessitando o professor de uma preparação cada vez mais sólida para o desenvolvimento do seu trabalho nessa sociedade em processo visível de metamorfose social, econômica e cultural.
Além desses fatores, o professor deve ficar atento a outros tipos de diversidade presentes no espaço escolar, pois os projetos de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (N.E.E), por exemplo, trouxeram para a sala de aula a necessidade de um novo olhar para a criança, um olhar de respeito às características individuais e um aprimoramento do trabalho docente com uma infância que busca sua inserção na sociedade e precisa de trabalhos às vezes diferenciados para desenvolver as suas competências intelectuais e afetivas, entre outras.
Então, da mesma maneira que o termo infância foi histórica e socialmente desenhado no tempo pelos fazeres e saberes da humanidade, a literatura destinada a essa infância também teve de se adaptar a essas metamorfoses na busca de diálogos mais amplos.

"O livro deve ser tão atraente para a criança como uma revista em quadrinhos, um desenho animado ou uma gostosa brincadeira" (PONDÉ, 1985, p. 17).

A escola que atua acreditando que é necessário oferecer conhecimentos, informações, técnicas etc. à mente da criança e do jovem, mas é essencial humanizá-la pela sensibilidade e alargá-la pela imaginação, entende que a cabeça aprende melhor quando é com o coração. Faz parte também dessa escola que forma pessoas sensíveis, abrir espaço para o sonho dentro e fora do homem. Por esse prisma libertador, vive-se a integração que soma e a transformação que amplia. A educação que não faz ultrapassar a percepção do absoluto empobrece, limita, aliena e escraviza. Mas a que mostra a relatividade faz a cabeça muito maior, e nela caberá muito mais.
Um bom livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros. E ao livro que agrada se costuma voltar, lendo-o novamente, no todo ou em parte, retornando de preferência àqueles trechos que provocam prazer particular.
Com a literatura para crianças não é diferente: livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar.
Reler obras que marcaram as lembranças de leituras passadas é sinal de que aqueles livros foram julgados bons. Não quer dizer que isso só ocorra com os escritos que compõem a literatura infantil, pois, por toda a vida, podemos ser convidados a retomar os textos que vieram a construir nossa biblioteca interior, formada por aquilo que as recordações armazenaram.

A NOVA LITERATURA INFANTIL: MONTEIRO LOBATO COM O SURGIMENTO DE MONTEIRO LOBATO NA CENA LITERÁRIA PARA CRIANÇAS E SUA PROPOSTA INOVADORA, A CRIANÇA PASSA A TER VOZ, AINDA QUE UMA VOZ VINDA DA BOCA DE UMA BONECA DE PANO, EMÍLIA.
Monteiro Lobato apresenta características nunca exploradas no universo literário para crianças: apelo a teorias evolucionistas para explicar o destino da sociedade; onipresença da realidade brasileira; olhar empresarial; preocupação com problemas sociais; soluções idealistas e liberais para os problemas sociais; tentativa de despertar no leitor uma flexibilidade em face do modo habitual de ver o mundo; relativismo de valores; questionamento do etnocentrismo e a religião como resultado da miséria e da ignorância.
Verificam-se dois momentos bem definidos da literatura voltada para as crianças no Brasil em busca da expressão artística apropriada ao universo da criança:
a) momento anterior a Monteiro Lobato: responsável por veicular valores como o individualismo, a obediência absoluta aos pais e às autoridades, a hierarquia tradicional de classes, a moral dogmática ligada a concepção de cunho religioso, vários tipos de preconceito, como o racismo, uma linguagem literária que visa a imitar padrões europeus. Desse modo, a literatura para as crianças se torna um mero instrumento pedagógico, elaborada para uma criança vista como um

adulto em miniatura
b) momento atual, pós-lobatiano: momento em que a literatura para crianças e jovens mostra uma individualidade consciente, obediência consciente, mundo com antigas hierarquias em desagregação, moral flexível, luta contra os preconceitos, linguagem literária que busca a invenção e o aspecto lúdico da linguagem, ou seja, uma literatura que mostra um mundo em construção para uma criança que passa a ser vista como um ser em formação
É, pois, como iniciador no Brasil, da literatura para crianças, que Monteiro Lobato acrescenta mais um ponto a seu currículo.
A obra infantil lobatiana é um projeto literário e pedagógico sob medida para o Brasil que a viu nascer e multiplicar-se ao longo de mais de vinte anos. Monteiro Lobato aposta alto na fantasia, oferecendo a seus leitores modelos infantis — as personagens — cujas ações se pautam pela curiosidade, pela imaginação, pela independência, pelo espírito crítico, pelo humor.
Tradutor e adaptador inclusive para o público infantil de várias obras estrangeiras, Monteiro Lobato consegue extraordinários efeitos de sentido ao fazer contracenar num cenário de jabuticabeiras, pintos-sura e ex-escravos pitando cachimbo tanto personagens fundadores da literatura infantil ocidental como Cinderela, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho, como personagens da literatura infantil estrangeira contemporânea sua como Alice e Peter Pan.
No mundo de Monteiro Lobato, nada faltou. Ele removeu o tempo e o espaço. Reconstruiu o Mundo para seus guris. Levou-os a todas as partes; conduziu-os aos céus, ao mar e às mais longínquas paragens. Transportou-os às civilizações mais remotas, numa viagem maravilhosa, até os nossos dias, fazendo mais, preparando-os para os dias futuros, quando eles tiverem de caminhar sozinhos, porque ele, Lobato, já não poderia acompanhá-los em pessoa. Passou com eles pela História. Guiou-os através das religiões, desde o paganismo; através das políticas mais diversas; através das filosofias de todas as épocas; das literaturas de países diferentes; das artes, das ciências, em todas as suas manifestações; mostrando-lhes e contando-lhes, lealmente, as suas grandezas e as suas fraquezas, as suas qualidades e os seus defeitos; sem paixão, a não ser a da verdade.
A obra de Lobato não é feita de livros diversos, mas de capítulos que representam sua sequência e continuidade. Nela há unidade de lugar e continuidade de personagens.
O "Sítio do Pica pau Amarelo" é o local onde se desenrolam os feitos maravilhosos, para onde voltam as suas personagens e para onde vêm as personagens de todas as outras estórias de todas as outras partes do Mundo.
Lobato não é para ser transmitido; é para ser lido, vivido e sentido. É necessário que todo professor desperte em seus alunos o desejo de lê-lo. Em seu planejamento o professor deve prever a dramatização da obra do autor, na própria classe.
A obra infantil deve ser, antes de tudo, recreativa, e o escritor, dentro desse encanto fantástico, levanta, inteligente e sutilmente, a sua sátira, onde o vício é desprezado e a virtude exaltada, tornando-se a substância real da obra. Para a criança é a insinuação que, inconscientemente, fica, como uma sugestão que se infiltra no seu subconsciente, fortalecendo-a mais tarde. Mesmo que a crítica seja a uma determinada época ou sociedade, o homem é sempre o mesmo, sujeito às mesmas falhas. A obra de Lobato não podia ser diferente, e sobretudo a de Lobato, que desejava que os homens fossem melhores. Ela foi feita para atingir e encantar o espírito e elucidar a razão. Isto só os grandes escritores sabem fazer. Para tal, Lobato criou Emília, que é ele próprio, com suas ideias, geralmente transmitidas através da "Boneca de pano".
Em Monteiro Lobato a linguagem é simples, clara, seu estilo é agradável, interessante, cheio de vida e colorido, tem a vivacidade dos regatos, cristalinos, fluentes e saltitantes, pecando apenas em algumas expressões. Seu sentido de liberdade, a espontaneidade e a precisão do vocabulário fazem de Lobato o marco da nova literatura infanto-juvenil.
Esse homem de quem temos tanto a dizer, que será motivo e exemplo para tantas gerações vindouras e que não morrerá enquanto

houver crianças; esse homem que continua vivo nos lares, nas escolas e na memória de todos que têm a felicidade de conhecê-lo, através de suas obras e de suas mensagens, de suas ideias, que devem frutificar e de sua palavra, que deve ecoar cada vez mais alto; esse homem partiu para sempre, "encantou-se", segundo grande Guimarães Rosa, no dia 5 de julho de 1948, que deve ser consagrado como o dia da saudade da criança brasileira. Lobato foi um marco na Literatura Infantil, que pode ser classificada em Literatura Infanto-Juvenil antes e depois de Lobato. Ele é a figura máxima do gênero, mas o assunto continua despertando interesse cada vez maior e atraindo grande número de educadores e escritores. Este é, sem dúvida, o século da criança, e a preocupação de aperfeiçoar a sua formação moral e cultural tem aumentado, à proporção que se sente esta necessidade.

Monteiro Lobato foi um dos mais autênticos patriotas entre os escritores de todos os tempos em nossa Terra. É preciso semear sua obra para colher brasileiros conscientes de sua missão. Ler Lobato é um compromisso que não deve ser negligenciado, porque sua obra não é apenas recreação: é cultura, é conhecimento. Se não o fizemos, sequer teremos argumentos e condições de nos justificarmos perante o homem de amanhã e, sobretudo, perante tantas nações que semeiam, em terras tão distantes ávidos da sua colheita, nas traduções que se multiplicam em quase todo o mundo: francês, inglês, espanhol, italiano, alemão, até em ídiche, e por último em russo, a Rússia, há pouco, traduziu "Reinações de Narizinho".

Como tudo que a sua obra transmite, também o sentimento de brasilidade não sofre as limitações e os extremados arroubos de patriotada, que criam o hiato entre as fronteiras, que a deixam plantada na terra e que a fazem pesada e grávida de ufanismo. Seu patriotismo autêntico, sincero, seu brasileirismo consciente, é um sentimento de nacionalidade que, plantado em sua terra, entre seu povo, por ele e para ele, possui a ampla interpretação do verdadeiro espírito de nacionalidade; por isso mesmo pode vincular-se a qualquer, expressão de sentimento nacional, em suas bases comuns de mensagens humanas, ageográficas e eternas, como o amor e o respeito à justiça e à verdade. Essa é a sua visão de tudo; ampla e universal, sem limitações medíocres e receitadas. Ele é um homem do mundo, sua obra é universal; e é isso que o faz cada vez mais brasileiro, melhor representante de seu povo e maior eco de sua Pátria. Sua obra torna-se cada vez mais regionalmente universal, dentro do mundo; e quanto mais se universaliza, maior é a força de nacionalização que adquire.

A obra infantil de Lobato recreia e forma o educando. Ela é síntese, é uma enciclopédia de todas as grandes obras universais da literatura infanto-juvenil. E esse caráter enciclopédico não é apenas no campo da recreação, mas no sentido do conhecimento e da cultura. Admiti-la seria mutilar a formação mental, ética e estética da criança, arriscando-se a um depoimento melancólico para o jovem, e lamentável para aquele a quem cabe a responsabilidade de tal negligência. É preciso semear a obra de Lobato, porque não basta a obra infantil, mas a obra para a criança.

E a aprendizagem é uma constante; os conhecimentos fluem de cada sentença, informando e formando, engenhosamente, como um arquiteto ao levantar lenta e seguramente o seu edifício. Os ensinamentos estão vinculados à obra do criador da Emília, e percorrem toda ela, com a leve e travessa fluência de um regato. Não há seccioná-la, para enxertar lições que dissociam e violentam a confiança do pequeno leitor, que se sente lesado por quem lhe garantira uma leitura agradável e não cansativa ou recheada de sermões utilitaristas. Percebendo ou admitindo a intenção do ardil para atraí-lo, é um leitor que se perde. Isso jamais acontece com os livros de Lobato; em seus livros tudo é sabedoria encantada. Sabedoria desencantando-se a cada momento do poder sugestivo da fantasia; saindo magicamente uma da outra. O homem é um animal emotivo que só se educa pelo sentimento. A razão é apenas velha raposa, atenta, insone e prática.

Monteiro Lobato e sua obra não são perfeitos, mas o importante é que mesmo as restrições que se possam fazer ao Pai da Emí-

lia serão transformadas em nova fonte de curiosidade educativa, se o professor souber tirar proveito delas.
E quanto mais rica é a obra, maior a sua plasticidade e, consequentemente, suas diversas e diferentes versões. Então, a orientação é imprescindível, para as devidas explicações, extraindo da leitura todos os valores.
Para formar na criança o hábito da leitura, é necessário atraí-la para a literatura, isto é, para a boa leitura, interessante, agradável e recreativa. Mostrar-lhe o que ela pode proporcionar de belo e de útil, pela compreensão, pela conscientização desses valores; despertando-lhe o interesse, incentivando-a e levando-a a sentir o prazer de descobrir e a satisfação de compreender. E quanto mais cedo melhor. A criança deve ser encaminhada para a literatura desde que começa a perceber e sentir; é aí que se inicia a educação de sua sensibilidade estética. E as estórias encantadas, as fantasias, as fábulas, bem escolhidas e adequadas, são o seu clima. Ensinar-lhe e orientar-lhe as leituras, o conhecimento das personagens; falar-lhe dos autores com simpatia, aproximando-os dela, são os caminhos por onde podemos chegar à criança.
As crianças, representadas pelos seres humanos, Pedrinho e Narizinho, e pelos bonecos, Emília e Visconde, são figuras inseridas na vida brasileira, o que lhes confere autenticidade e nacionalidade. Não quer dizer que representem algum traço ou peculiaridade nacional, porque isso é desnecessário; mas elas integram-se aos problemas do país, reagem às dificuldades de seu e de nosso tempo, o que mais uma vez facilita a aproximação entre as personagens e o leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa pesquisa conclui-se que a literatura – infantil ou não – é de suma importância, pois ela desperta no leitor a consciência crítica, leva-o a desenvolver sua criatividade latente, dinamiza sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia, ou seja, prepara-o para a vida como cidadão atuante.
O exposto acima corrobora-se com o percursor da literatura infantil brasileira: Monteiro Lobato. O autor aposta alto na fantasia, oferecendo a seus leitores modelos infantis – as personagens – cujas ações se pautam pela curiosidade, pela imaginação, pela independência, pelo espírito crítico, pelo humor etc. Em sua obra o vício é desprezado e a virtude exaltada.
Monteiro Lobato procura despertar, no espírito dos que o leem, o desprezo pela injustiça, pela deslealdade, pela indignidade, enquanto procura incutir a admiração pelos valores humanos, pela liberdade, pela verdade, por tudo que é belo e sadio.
Enfim, o estudo me acrescentou muitos conhecimentos, entre muitos outros, que uma leitura pode ser prazerosa e ao mesmo tempo formadora de cidadãos atuantes e o professor-pesquisador e investigador-deve incitar a curiosidade e imaginação dos alunos para a leitura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil. Gostosuras e bobices. 3ª edição. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira. 10ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. Literatura infantil. São Paulo: Editora Lotus, 1982.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil. 4ª edição. São Paulo: Quíron, 1987.

FILHO, José Nicolau Gregorin. Literatura infantil brasileira: da colonização à busca da identidade. In: Via Atlântica. São Paulo: Publicação da Área de Estudos comparados de literaturas de língua portuguesa, 2006.

_____. Literatura infantil. Múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

GÓES, Lúcia Pimentel. A aventura da literatura para crianças. 5ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

KHÉDE, Sonia Salomão. Literatura infanto juvenil: Um gênero polêmico. 2ª edição. Porto

Alegre: Editora Mercado Aberto, 1986.

PONDÉ, Glória. A arte de fazer artes. Como escrever histórias para crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1985.

RESENDE, Vânia Maria. Vivências de leitura e expressão criadora. São Paulo: Editora Saraiva, 1993.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. 4ª edição. São Paulo: Global universitária, 1986.